

## DETERMINAÇÃO DO GRAU DE DIALOGIA DE INTERAÇÕES VIRTUAIS ASSÍNCRONAS

**BARBOSA CAIXETA, L. (1) y GIORDAN, M. (2)**

(1) Departamento de Metodologia de Ensino. Universidade de São Paulo [lcarboza@usp.br](mailto:lcarboza@usp.br)

(2) Universidade de São Paulo. [giordan@usp.br](mailto:giordan@usp.br)

---

### Resumen

Neste trabalho fazemos uma discussão sobre as interações discursivas em atividades educacionais não presenciais mediadas pela internet apontando algumas novas formas de linguagens que estão surgindo e discutindo formas de envolver o aluno na aprendizagem utilizando-se um estilo enunciativo que favorece os vínculos interpessoais. Aliado a isto, realizamos um estudo sobre as propriedades dualísticas do enunciado – as funções unívoca e dialógica – e elaboramos quatro categorias de análises – engajamento, problematização, retomada da fala do outro e referência a outros interlocutores – para subsidiar processos de tutoria pela internet, de forma que possamos, por meio delas, determinar o grau de dialogia de interações virtuais assíncronas.

---

### Objetivos

Neste trabalho buscamos criar categorias de análise que permitam aplicar fundamentos teórico-metodológicos socioculturais para subsidiar processos de tutoria pela internet, de forma que possamos, por meio delas, determinar o grau de dialogia de interações virtuais assíncronas.

### Quadro teórico

O papel da interação nas atividades educacionais não-presenciais, mediadas pela internet, tem alcançado

grande relevância em pesquisas relacionadas às Tecnologias de Informação e Comunicação. Algumas destas pesquisas são realizadas levando em conta como esses aspectos relacionam as idéias de comunicação mediada por computador e a comunicação interativa (Wertsch, 2003). Outras abordam a linguagem utilizada em interações pela internet (Baron, 1998) e os padrões de troca de mensagens de correio eletrônico (Giordan, 2003).

Em ambientes de ensino a distância em que não se tem o contato face a face é, muitas vezes, difícil perceber como o estudante reage diante dos enunciados a ele endereçados. Isto faz com que novos signos sejam criados ou mesmo que os sistemas simbólicos existentes sejam modificados (Baron, 1998). Uma nova forma de expressão surge para poder endereçar de forma escrita os enunciados ou turnos da interação. Essa linguagem híbrida possui, assim, características da fala e da escrita (Baron, 1998) e vai sendo modificada e reestruturada a cada momento. Uma tentativa de tornar o diálogo virtual mais interessante pode ser observado quando os sujeitos, em seus enunciados, utilizam a “escrita sensível” (Haetinger e Haetinger, 2004), um estilo enunciativo que procura motivar o aluno a continuar o diálogo na medida em que utiliza principalmente a cooperação na valorização das atitudes e ações para que o envolvimento e o aprendizado sejam mais efetivos, favorecendo os vínculos interpessoais.

O semiólogo Yu. M. Lotman, com seus estudos sobre a interanimação dialógica (Lotman, 1998) e articulando idéias sobre a propriedade dualística do enunciado, diz que todo texto – verbal ou não verbal – desempenha duas funções, que ele denominou de funções unívoca e dialógica (Costa e Giordan, 2005).

Segundo Lotman (apud Scott, 1998), a função unívoca é a que comunica significados, transmite informações. Há pouco espaço para trocas, questionamentos, desafios. A função dialógica, por sua vez, é um ‘dispositivo de pensamento’ que auxilia na compreensão, negociação, e criação de significados, em que as enunciações são um espaço aberto ao desafio, à interanimação e à transformação de idéias. (Wertsch e Smolka, 1994).

Lotman (1988) observa que ambas as funções estão presentes em uma tensão dinâmica na maioria dos textos, mas que normalmente uma predomina sobre a outra.

## **Metodologia**

Tendo como base os estudos teóricos realizados, construímos quatro categorias de análise – engajamento, problematização, retomada da fala do outro e referências a outros interlocutores – para subsidiar a proposição do grau de dialogia.

O *engajamento* é uma estratégia de motivação importante neste processo de tutoria. Quando nos propomos a analisar o engajamento do tutor e do aluno estamos nos referindo ao empenho e comprometimento destes, demonstrados em seus enunciados e também das palavras e expressões que utilizam na tentativa de engajar o outro no diálogo. Podemos perceber isto na utilização de palavras de cumprimento e cortesia, que demonstram afetividade, quando há um chamamento do outro ao diálogo e estes se mostram interessados na continuidade da interação. Esta continuidade pode ser vista quando os sujeitos colocam perguntas um para o outro e há uma expectativa de que estas sejam respondidas e assim, que o diálogo continue. Isto também pode ser visto de forma mais explícita quando eles utilizam expressões do tipo “guardo contato”, e em pedidos de resposta.

A *problematização* abarca um envolvimento com a pergunta ou a resposta. Podemos perceber isto com a explicitação de um assunto, o uso de exemplos e comparações que visam colaborar na construção do enunciado. Pode advir também da exposição de fatos e ampliar as discussões, levar à reflexão e fomentar questionamentos. Podemos também observar situações problema que instigam, motivam e desenvolvem o senso crítico do indivíduo, ampliando relações, análises, críticas e diálogos. Na problematização, espera-se que a pessoa possa transformar o conhecimento e tenha uma participação mais ativa com uma visão analítica do problema em questão, levando à análise reflexiva e desenvolvendo o raciocínio crítico.

Em cada uma das mensagens podemos observar o desenvolvimento do diálogo e a *retomada da fala do outro* possibilitando a continuidade deste diálogo. Quando um tutor retoma a fala do aluno podemos perceber uma tentativa de explicitar adequadamente o que o aluno disse, trazer o aluno à resposta e buscar elementos que possam recuperar conceitos que já foram vistos em mensagens anteriores. O aluno, ao retomar a fala do tutor, pode reformular sua pergunta e agregar palavras e expressões já utilizadas pelo tutor para dar continuidade ao conceito que está sendo trabalhado. Podemos também tentar perceber, em alguns casos, a construção de significados pelo aluno na medida em que ele se utiliza das palavras do tutor e constrói sua resposta à pergunta que ele próprio havia formulado inicialmente.

Na *referência a outros interlocutores*, tanto o tutor, quanto o aluno podem trazer outras vozes para compor o diálogo. Quando o tutor propõe que o aluno procure outras fontes, ou sugere um *site*, ele está trazendo outros elementos para compor a resposta ao aluno. Quando é o aluno que o faz, este pode estar explicitando melhor sua pergunta, querendo entender algum conceito apresentado anteriormente em sala de aula, em um livro, ou um ambiente virtual.

Tomando como base uma análise semi-quantitativa, ao aplicarmos as categorias de análise criadas, aos enunciados de uma interação podemos calcular qual o seu grau de dialogia. Para este cálculo somamos a ocorrência das categorias presentes e dividimos o valor encontrado pelo número total de categorias. Para calcularmos, então, o grau de dialogia para a interação fazemos uma normalização dos dados e encontramos valores entre 0 e 1. A partir disto consideramos um grau de dialogia baixo para valores menores que 0,35, moderado entre 0,36 e 0,70 e alto para valores maiores que 0,71.

Com os valores encontrados, podemos comparar o grau de dialogia e as funções enunciativas propostas por Lotman.

## Conclusões

Consideramos que as diversas formas de engajamento, problematização, retomada da fala do outro e referências a outros interlocutores, discutidas neste trabalho, nos ajudam a identificar o caráter dialógico, ou não, nos enunciados e isto vai ao encontro do que foi proposto por Lotman para as funções dialógica e unívoca. Observamos que, conforme explicitado por Lotman (1998), há uma tensão entre as duas funções na interação, mas normalmente há um predomínio de uma sobre a outra.

## Referências

BARON, N.S. (1998). *Letters by phone or speech by other means: the linguistics of email. Language and Communication* 18, p. 133-170.

BARRETO, R.G. (2003). *Tecnologias na formação de professores: o discurso do MEC*. Educação e Pesquisa 29(2), p. 271-286.

COSTA, E.L.; GIORDAN, M. (2005). *Concepção de ciência do professor, discurso e elaboração de significado em aula*. In: *VII Congreso Internacional sobre investigación en la Didáctica de las Ciencias, Granada*. Livro de resumos, v. 1. p. 1-4.

GIORDAN, M. (2003). *The role of IRF exchanges in the discursive dynamics of e-mail tutored interactions*. International Journal of Educational Research, 39, p. 817-827.

HAETINGER D.; HAETINGER M.G. (2004). *Escrita Sensível: uma proposta de mediação emocional*. Revista Novas Tecnologias na Educação: Porto Alegre, v.2, n.1. Disponível em: . Acesso em 20 mar. 2007

LOTMAN, Y.M. (1998). *Text within a text*. Soviet Psychology 26(3), p. 32-51.

SCOTT, P.H. (1998). *Teacher talk and meaning making in science classrooms: A Vygotskian analysis and review*. Studies in Science Education, 32: 45-80.

WERTSCH, J.V. (2003). *Commentary on deliberation with computers: exploring the distinctive contribution of new technologies to collaborative thinking and learning*. International Journal of Educational Research, 39, p. 899-904.

WERTSCH, J.V.; SMOLKA, A.L.B. (1994). *Continuando o diálogo: Vygotsky, Bakhtin e Lotman*. In: DANIELS, H. (org.) *Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos*. Campinas: Papirus.

## CITACIÓN

BARBOSA, L. y GIORDAN, M. (2009). *Determinação do grau de dialogia de interações virtuais assíncronas*. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 2605-2608  
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-2605-2608.pdf>